

Sensibilidade animal

Animais podem “prever” catástrofes naturais. O que isso nos ensina?



Pressentindo o perigo, animais conseguem “prever” terremotos. Isso já pode ser explicado cientificamente. Cientistas demonstram a capacidade dos bichos de prever terremotos e de fugir das áreas que serão afetadas. Os aparelhos criados por humanos não são tão sensíveis quanto eles. Aparentando uma conexão profunda com a natureza, animais conseguem prever catástrofes naturais, como terremotos e tsunamis.

Um novo trabalho propõe uma exploração científica para o caso. O atrito das placas tectônicas faz desencadear os fenômenos geofísicos, que acabam alterando a atmosfera de uma forma que os animais detectam. Antes mesmo do terremoto, quando há o atrito entre as placas tectônicas, íons positivos são emitidos do solo para a atmosfera. Esses íons seriam capazes de aumentar os níveis de serotonina dos animais, o que lhes altera o comportamento e faz com que eles procurem abrigo.

As rochas das montanhas, por exemplo, seriam as pontas emissoras desses íons, fazendo com que os

animais que aí vivem deixem seu habitat natural e procurem altitudes mais baixas, para mais segurança.

Os cientistas são capazes de medir esse fenômeno em laboratório, só que não com a mesma precisão dos animais.

Já existiam muitas evidências desse fenômeno. Em 2005, quando um grande tsunami atingiu a Ásia, muitos elefantes do Sri Lanka, antigo Ceilão, ilha localizada ao sul da Índia, fugiram de terras mais baixas para outras mais altas, assim escapando da morte.

Em 2010, sapos abandonaram uma lagoa na Itália exatos cinco dias antes de um terremoto que provavelmente os exterminaria.

Há outras observações feitas em laboratórios sobre alterações do comportamento animal antes de eventos sísmicos. Porém, há também certa fragilidade em confiar nessas observações, pois não há um método que permitisse reproduzi-las.

Um grupo de cientistas realizou um verdadeiro “Big Brother” com aves e mamíferos do Parque Nacional

de Yachanaga, no Peru, onde houve um terremoto forte em 2011. Esses cientistas usaram armadilhas de câmeras, que filmavam quando havia movimento. Conforme se aproximava o dia do terremoto, cada vez menos animais davam as caras para as câmeras. Essa redução começou a acontecer três semanas antes do terremoto. Na última semana, quase não houve registro de movimentação animal.

Uma das hipóteses para isso é que os animais buscaram terras mais baixas e seguras, fugindo do lugar mais suscetível ao tremor da terra. Os animais do parque Yachanaga submetidos à pesquisa foram: leopardo, caititu, aguti negro, tatu e urso andino. Todos tiveram níveis de serotonina aumentados. Esse neurotransmissor está relacionado à percepção dos estímulos ambientais. A “síndrome de serotonina” causa confusão, tremores e agitação. Os animais estudados têm uma habilidade maior que a dos humanos de sentir que um terremoto está próximo.

O que causa essa diferença entre animais e humanos pode estar no contato reduzido do homem com o solo.

Os humanos atualmente vivem isolados pelo concreto. Vivemos uma crise de divórcio da natureza, esquecemos que somos parte integrante dela. Dessa forma, o efeito dos fenômenos da natureza, como o citado aqui, o dos íons emitidos pelo solo, é menor em nós.

Os cientistas vão continuar a refinar os instrumentos de pesquisa para conseguir medições mais úteis e melhores, mas seguirão observando o comportamento dos animais.

É sabido que alguns órgãos dos sentidos são mais apurados em alguns animais. O lobo, por exemplo, enxerga no escuro, ao passo que o homem necessita de luz artificial. O cão tem o faro tão aguçado que percebe de longe a aproximação de seu dono, chegando o seu faro a ser confundido com certo grau de “mediunidade canina”. Temos notícia de que, quando o elefante pressente a sua morte, ele abandona a manada e se isola, assim como o cachorro, que sente quando a morte se aproxima e procura a terra.

Então, amigos, como ficamos nós, os seres racionais, os mais perfeitos da Criação, diante de nossos irmãos menores, os irracionais?

Até quando vamos continuar com nosso perverso espírito inclinado ao mal, não só com os irmãos menores, mas também aninhando o sentimento belicoso no coração, órgão que Deus, o Criador Maior, moldou com todo carinho e amor no homem, fazendo brotar nele o maior dos sentimentos?

O amor do Pai é tão grande pela sua Criação e pelos seus filhos, que calma e pacientemente espera nosso retorno a Ele.

Enquanto isso, nos chega notícia de que a ciência dos homens descobrirá mais uma das contribuições dos animais, mostrando a sensibilidade e a percepção deles, muitas vezes maior que a dos humanos. Teria o homem a grandeza de reconhecer que a obra do Pai é a magnífica perfeição em que todos os seres são partes integrantes desse todo?

Oxalá em breve possamos ver um novo paradigma para a humanidade. Evolucionistas que somos, trabalharemos para isso.

Temos sede de Deus, dizemos que O amamos, que queremos estar com Ele, mas não queremos sair da nossa zona de conforto para acudir nosso irmão em desvalia, ouvir o que bate em nossa porta para um consolo espiritual, empregar nosso verbo para a edificação do bem, pronunciando uma palavra de bom ânimo.

“Quem diz que ama a Deus, mas não ama o próximo, está mentindo”, nos disse Jesus. Como, então, amar a Deus, que não vemos, se nós não amamos o próximo, que vemos?

Jamais devemos nos esquecer das sábias palavras de Cristo: “quando lhes derem de comer, de beber, de vestir a um desses pequeninos, é a mim que o fazeis”.

Todos nós estamos advertidos, aconselhados e orientados pelo grande multiplicador das virtudes, Jesus.

Partamos em marcha, unidos, engrossando as fileiras do exército dos que realmente amam a Deus. Ele nos espera!

Aparecida de Godoy Farghaly professora, paisagista e expositora de Evangelho na Seara Bendita.